

UM HUMANISMO INTERVENTOR

A PARECE o quinto número de O TEMPO E O MODO. Sobre estes cinco exemplares, parece ser possível fazer já alguma meditação e desta experiência cabe dar conta aos leitores. Dar ou sugerir. Se tiverem presente que o que se fez, por sua natureza ou pela força das circunstâncias, ficou além daquilo que todos viram, e que ainda o que se fez ficou aquém daquilo que se desejou, a perspectiva de visão resultará mais certa.



Os fenómenos que se observam naquilo a que hoje se costuma dar o nome de «sociedades fechadas» carecem que sobre eles nos debrucemos. E entre muitos deles é importante reparar nas reacções e conformações da psicologia individual e colectiva, provocadas pelos estados que aqui e além essas sociedades originam e que poderíamos chamar, sem ironia, a inquietação na inacção. Para essa sintomatologia deve haver alguma severidade, embora antecedida duma grande compreensão. Vejamos:

Uma sociedade deste tipo considera prescindível ao seu desenvolvimento, e à sanidade das relações entre os elementos que a compõem, certa zona da actividade humana, precisamente aquela que outras sociedades têm como necessária e essencial àquele mesmo desenvolvimento e àquela mesma sanidade. Nessa zona poderemos incluir as condições e a expressão do que chamamos uma necessária dialéctica e, conseqüentemente, aí devemos colocar indivíduos mais vocacionados para nessa zona se movimentarem e serem suportes dos órgãos que essa actividade implicaria.

Temos por isso que considerar aqui, e desde já, uma certa espécie de desemprego, que tem do fenómeno alguma das suas características, mais ainda aquela, especial, que vem das especiais circunstâncias que o condicionam.

Por exemplo: se uma sociedade nunca permitiu que aí se exercesse a profissão de electricista, se as exigências do exercício dessa profissão nela fossem evidentes, se um grupo de pessoas se considerasse especialmente vocacionado para a exercer, elas, mesmo empregadas, teriam do desemprego esta sintomatologia, mas haveria também muitos deles que, julgando-se electricistas, se lhes fosse permitido funcionar, depressa entrariam em curto-circuito. A fascinação das gambiarras e das luzes fluorescentes pressupõe os choques eléctricos, o suor e alguma teoria da electricidade.

Isto quer dizer que a legião dos desempregados dessa actividade é engrossada pelos que, na acção necessariamente consequente, verificariam que tinham errado a sua vocação.



O desemprego cria ainda:

- uma desaprendizagem por falta de exercício, um autodidatismo por falta de escola, uma exclusiva teorização por falta de correcção da praxis; a análise, o estudo e a formação virados para a pedagogia interior, quer no conhecimento quer no comportamento.

Esta série de consequências actua, quer em conjunto quer isoladamente, no tónus individual do «desempregado» e afecta sobremaneira o seu julgamento da actividade alheia, ao ponto de poder prejudicar gravemente o processo geral em que, duma maneira ou doutra, todos afinal estamos interessados.

Assim:

A desaprendizagem e o autodidatismo geram, não só uma imediata frustração, mas uma auto-desconfiança que provoca:

- a injustiça na apreciação da obra alheia;
- a recusa da intervenção num diálogo.

A teorização faz referir o julgamento a um impossível absoluto em vez de o comparar ao relativo possível.

A introspecção e a pedagogia interior criam a angústia da decepção perante a dificuldade de abarcar todas as formas de conhecimento e de

integrar as alienações do comportamento individual, sem a consolação construtiva e compensadora dum resultado, ainda que pequeno, mas útil e eficazmente realizado.



Como dissemos, a compreensão destes fenómenos não deve impedir que eles sejam julgados com severidade. Esta barreira de frustrações torna mais difícil um caminho que a todos devia interessar, e é preciso passar-lhe por cima para atingir toda aquela massa que permanece angustiada e expectante, aquela realidade vaga e complexa, que sofre mas não localiza as suas dores, que sente o concreto das suas dificuldades mas fica alheia ou indiferente perante o abstracto de certas respostas, não sendo, ainda, ajudada por certa e sentada hipercritica. São esses, num rigoroso critério de honestidade, aqueles por quem o nosso trabalho tem alguma razão de ser.



Mil e uma formas de actuação têm aparecido e vê-se que elas são difíceis, mas são possíveis. Muitas delas, na essência ou na tática — e nem todas por motivos idênticos, nem as mesmas para cada um de nós — podem merecer a nossa discordância, todas são devedoras do nosso respeito.

A um trabalho realizado só é legítimo responder com trabalho realizado, mesmo que em campos diferentes e toda a inquietação inactiva deve pensar em que medida não corresponde a uma frustração a transferência de atribuir a certos homens e a certas circunstâncias a recusa dum trabalho que se tornou difícil mas não impossível.

É num quadro desta natureza que devemos corrigir as nossas prespectivas de julgamento.



Parece que é evidente que, numa sociedade do tipo que referimos, o pensamento sai necessariamente espartilhado. Mas se acontece não ser o espartilho igualmente contendor, se à esquerda do corpo os seus elásticos são muito mais atentos e são mais brandas as malhas que susten-

tam o outro lado, o pensamento aparece ainda deformado e parcial.

Assim se arriscam as pessoas a ver um corpo equívoco quando o desejariam harmonioso e equilibrado.

E que haveria então a fazer?

Tomar um destes três caminhos:

- ou se insinua um sistema organizado, e aí se procede a uma instalação, dizendo o que houver de pertinente ou indiferente, na certeza de que se aí se escreve sobre o aproveitamento das margens do Sorraia para a cultura dos híbridos, ou se aí se anuncia Fulano de tal — médico em Tavira, o leitor sabe desde já o que articulista e anunciante pensam sobre a auto ou heterodeterminação dos povos, a distribuição, redistribuição, atribuição ou abolição da propriedade e o apport da arte na construção da história;*
- ou se pretende habituar o leitor a ter sempre presente uma correção óptica indispensável, e não se desiste da pesquisa inicial e sistemática, tentando, à esquerda e à direita, a procura e a explicação dos fenómenos, sugerindo e desvendando o que a inteligência prevenida do leitor em sua casa concluirá;*
- ou se reconhece que não é possível uma posição deste tipo e que meia verdade é normalmente meia mentira, e que não é possível arranjar um auditório mínimo, capaz de compreender e transmitir de viva voz o que lhe foi insinuado, e então chegaremos à conclusão de que, numa sociedade fechada, o silêncio é ainda a mais dura das verdades.*



A todas estas opções possíveis entendemos, apesar de tudo, e com a consciência aguda dos riscos que se correm, que o caminho que temos corrido é ainda possível e útil.

Recusamo-nos a satisfazer um público seja ele qual for. Se a vida intelectual não for uma forma de despertar um público contra a ideia feita e cristalizada que já possui, se ela não exige que sobre tudo o homem se deva interrogar ainda, ela nega a sua função e a sua razão de ser.



Chegámos ao fim de cinco meses e verificou-se que esta Revista era possível e que ela não desiludiu completamente alguns homens de boa vontade. Que um grupo de cristãos e não cristãos se deu conta que a cidade

não pode viver sem que se reconheça que ela não é tão simples e tão linear como a certos agradaria, que a cidade impõe a sua coexistência, e que é possível uma imprescindível colaboração na construção de tarefas comuns. Não se pretendeu servir um programa ou organizar e preparar uma sistemática acção. Pretende-se organizar e manter uma certa «mesa redonda» que seja uma experiência de diálogo debruçada sobre problemas concretos e urgentes da realidade portuguesa, procurando estudá-los através dum humanismo que pressuponha uma visão técnica e fundamentada das suas várias implicações.

Verifica-se, assim, que é possível, útil e necessário que pessoas de formação não-idêntica, de pontos de vista diversos, e até com reais divergências, se encontrem numa tarefa comum e colaborem de forma positiva e construtiva.

Assim, cabe terminar com qualquer coisa que fosse a explicação daquilo que nos une e que talvez se possa chamar um humanismo interventor.

À custa de muita desesperança uma geração teve que concluir que os exemplos eram maus exemplos e que é consigo mesma que tem que contar.

O TEMPO E O MODO